



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

IMPULSIVIDADE? COMPULSIVIDADE? COMPORTAMENTOS ABUSIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

Leia Maria de Mora Cardenuto
Lisete Barlach
Mara Luiz Vieira Ceroni
Priscilla de Castro Campos Leitner

RESUMO

Este laboratório teórico-prático tem como objetivo contribuir para a compreensão das diferentes demandas compulsivas na atualidade, tais como a toxicomania, compulsão alimentar, vigorexia, ortorexia, e o consumismo, dentre outras. Por meio de uma experiência de trabalho psi-corporal, almeja propor técnicas para o manejo destas questões. Apoiando-se em diferentes perspectivas teórico-clínicas, busca-se compreender as paixões tóxicas, considerando as falhas no desenvolvimento psicosssexual, nas defesas caracterológicas, e na constituição do sujeito. A abordagem incluirá a compulsividade pelo enfoque narcísico, discutindo comportamentos, atitudes e relações sociais, a partir deste tipo de neurose que tem lugar em uma cultura que promove o “Show do Eu”. O corpo e a autoimagem corporal também fazem parte desta questão, cada vez mais presente em sua complexidade na atualidade. Por meio de exercícios, visualizações e trocas em grupo será possível vivenciar este assunto tão emergente e estabelecer relações entre a teoria e a prática terapêutica.

Palavras-chave: Adições. Comportamento. Compulsivo. Contemporaneidade. Corpo.

Introdução

Diante da complexidade dos casos que chegam aos consultórios psicoterapêuticos atualmente, pretendemos elucidar conceitualmente e, também, abordar o manejo clínico de pacientes considerados “não-tratáveis”, aqueles que dizem do abuso e se encontram em um nível neurótico ou borderline de organização de personalidade, caracterizando assim comportamentos compulsivos e impulsivos, respectivamente, dificultando o aprofundamento/eficácia do processo psicoterapêutico, no primeiro caso e, no segundo, a própria impossibilidade vincular.

São casos que abundam e, por não encontrarem o suporte ou ajuda necessários, enquanto continência, muitas vezes partem, achando que a psicologia “não funciona”, deixando a todos com uma sensação de frustração e impotência. São patologias narcísicas, por meio



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

das quais observamos como um traço predominante na contemporaneidade, que datam de um início do desenvolvimento emocional comprometido.

Percorreremos caminhos psicanalíticos e aproximações com a abordagem corporal da análise bioenergética, na tentativa de desenhar um esboço do perfil destes pacientes e de como podem ser traduzidos.

A dimensão social do narcisismo na contemporaneidade

Lowen (1993) considera que o narcisismo é, simultaneamente, uma condição psicológica e cultural. Para ele, no sentido cultural, indica a perda de valores humanos, a ausência de interesses pelos semelhantes, e o predomínio do individualismo. Implica também na valorização da notoriedade em detrimento da dignidade, da riqueza face à sabedoria, do êxito se contraposto ao respeito a si mesmo, dentre as inúmeras inversões do sentido de cidadania e humanidade, que são perceptíveis a olho nú no cotidiano do século XXI.

A sociedade narcisista explora as inseguranças dos indivíduos, estimulando vaidades e ambições. Como afirma Tocqueville (apud McWilliams, 2014) em uma sociedade com igualdade de oportunidades, as pessoas buscam afirmar um valor especial, diferenciando-se das demais por meio de signos e imagens que possam configurar sinais de status. Embora se possa questionar a existência, de fato, da igualdade de oportunidades, a diferenciação se tornou um mote da contemporaneidade.

Com a secularização diluindo as normas internas propiciadas pelas tradições religiosas, a sociedade não mais oferece ao indivíduo sua definição identitária prévia ao nascimento, sendo a constituição de um sujeito particular, em meio a outros, o “leitmotif” do desenvolvimento em sociedade.

Se, na época de Freud, as questões narcísicas não se apresentavam com tanta nitidez (McWilliams, 2014), e o superego rígido imperava em seus pacientes, pode-se afirmar que o tipo de caracterização social contemporânea favorece dois tipos de caráter psicológico: o impulsivo, em que o superego se apresenta isolado dos demais componentes do aparelho psíquico e o compulsivo, em que o superego, embora excessivamente austero, está incorporado ao ego na estrutura da personalidade (Reich, 2009, p. 95).

Como afirma McWilliams (2014, p. 199), se os pacientes de Freud sofriam por excesso de comentários internos sobre sua maldade ou bondade, [,,], clientes contemporâneos muitas



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

vezes se sentem vazios, [...], preocupando-se mais em “não se encaixar do que em não trair seus princípios”.

A imagem passa a substituir a substância e aquilo que Jung denominou *persona* importa mais que a busca pelo *self*. O mesmo processo, nas palavras de Winnicott, seria expresso como predominância do falso *self*, que promoveria o distanciamento do indivíduo em relação ao verdadeiro si mesmo, com a pessoa se tornando mero apêndice narcísico de outrem.

Transtornos do *self*, e dificuldades com identidade e autoestima, caracterizariam, então, a dimensão sociocultural do narcisismo, conforme já afirmava Lowen em meados do século XX. Tanto os narcisistas vaidosos e imponentes ou depressivos e autocríticos seriam as manifestações psicossociais da sociedade contemporânea.

Entretanto, conforme ressalta McWilliams (2014), o caráter patológico do narcisismo pode passar despercebido em pessoas narcisistas bem-sucedidas socialmente, pois estas seriam emuladas pela sociedade faminta por reconhecimento. Subsiste, em todos os casos – dos bem-sucedidos ou não – as preocupações com a comparação, a valorização ou desvalorização, as medidas do sucesso / fracasso, levando ao extremo do “*loser*” norte-americano ser tomado como um estigma capaz, em muitos casos, da exclusão social.

É importante frisar que, no processo de desenvolvimento humano, a família, como representante do universo social e cultural, impactará – positiva ou negativamente – a autoestima do indivíduo e, nesse contexto, muitos são capturados pela afirmação narcísica de outrem.

Figuras paternas e maternas frequentemente depositam frustrações e expectativas de realização em seus filhos, impondo parâmetros, por vezes inalcançáveis, que alteram o desenvolvimento psicosssexual, especialmente na formação do superego e ideal do ego.

A importância do ideal de ego é a de se transformar no superego, já que ele seria o substituto do narcisismo infantil, onipotente. No processo de identificação com os pais, a criança vai se “conformando” aos modelos e desenvolvendo também a auto-observação e a consciência moral. Essa tríade: ideal de ego, consciência moral e auto-observação, darão origem ao futuro superego¹.

¹ A criança internaliza a lei paterna, por meio da formação do superego, e recalca o ego ideal para construir um ideal do ego, no qual o pai se erige como suporte das identificações (Mendonça,2011). O



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Uma vez que o contexto sociocultural estará principalmente impresso no universo psíquico por meio da premência do superego, cabe analisar como a cultura narcisista favorece os dois tipos de caráter aqui considerados, a saber, o caráter impulsivo e o caráter compulsivo, diferenciando-os por meio da instância superegóica.

O superego na contemporaneidade

Na sociedade do espetáculo, do resultado e da performance, operam-se profundas mudanças na constituição da instância superegóica.

Em 1916, Freud, em seu artigo intitulado *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, descreve três tipos básicos: os que se consideram “exceções”, os “fracassados pelo êxito” e os “criminosos devido ao sentimento de culpa”. O primeiro tipo refere-se àqueles que acham que sofreram alguma lesão *a mais* em relação aos demais seres humanos, e julgam que possuem também um direito *a mais* na esfera das limitações impostas pela vida e suas regras de convivência. O segundo tipo diz respeito àqueles que quando finalmente alcançam aquilo que almejavam, adoecem e produzem um quadro sintomático que os impede de usufruir sua conquista. O último tipo inverte a concepção clássica que coloca o sentimento de culpa como uma consequência do delito. Freud postula que o sentimento de culpa é anterior ao crime, e que a passagem ao ato criminoso teria a função de produzir uma representação psíquica consciente desse sentimento inconsciente de culpa (Santos & Azeredo, 2005).

Segundo os autores, “os dois últimos tipos de caráter descritos por Freud, por serem vinculados ao sentimento de culpa, são tipos de caráter que estariam “caindo em desuso”, ou seja, são típicos de uma forma de organização social baseada em uma figura paterna forte, que serve de ideal do eu e justifica a culpa neurótica, isto é, derivada da transgressão efetiva ou imaginada desse ideal. Em contrapartida, o primeiro tipo abordado por Freud, o das exceções, estaria assim em franco avanço, pelo mesmo motivo que os outros dois estariam em desuso”.

Se, na época de Freud e Reich, a figura do pai era o “polo repressor da sexualidade e objeto privilegiado da identificação do sujeito” (Santos; Azeredo, 2005), o século XX e XXI traz à tona uma mulher não tão submissa, presente no mercado de trabalho, por vezes distante do

ego ideal é uma formação intrapsíquica, de um ideal narcísico de onipotência, à qual o ego recorre nos processos de identificação (Laplanche, Pontalis, 1988).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

lar, e figuras paternas que fracassam, em função da reorganização internacional desse mesmo mercado de trabalho.

Bauman (1999) afirma que, para Freud a civilização – isto é, a modernidade – construía-se a partir da renúncia pulsional. Para ele, os sujeitos da modernidade renunciavam a uma dose de prazer imediato em nome de um prazer mais seguro, embora menos completo. No presente, pode-se afirmar que o campo do direito à satisfação pulsional ampliou-se e que ele não pode mais ser visto apenas como algo destrutivo.

Os ganhos e as perdas mudaram de lugar: os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca de felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (Bauman, 1999, p. 10).

Ora, se os valores que compõem um superego que defenda o ego dos mandos e desmandos do id estão cada vez mais enfraquecidos pode-se afirmar que o ego está atendendo cada vez mais e com mais frequência aos ditames do id? Será esta uma era em que vigorará o princípio do prazer?

Alain Touraine (1997) levantou questão parecida quando afirmou que gradativamente se está criando gerações impulsivas com relação direta ao enfraquecimento do superego.

Sexualidade como organizadora da vida psicossocial

Comentando sobre o enfraquecimento do superego na modernidade, Santos & Azeredo (2005) perguntam:

“é correto pensarmos que a quantidade cada vez maior de medicamento para o tratamento de ansiedade, angústia, depressão, hiperatividade, o desejo do corpo perfeito, as operações estéticas de todos os tipos, entre tantas outras doenças chamadas modernas, tem relação direta com a pulsão libidinal em relação às transformações sociais e culturais? Se por um lado Freud [encontrava nos] neuróticos de seu tempo a forte repressão cultural sobre o sexo, seremos tratados hoje pelo extremo oposto, [ou seja], pela forte permissividade sexual?”.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Aparentemente, assiste-se a uma maior permissividade sexual, com a conseqüente precocidade de exposição – pública ou privada – ao sexo e início da atividade sexual. Como dizem os autores:

“a precocidade da sexualidade infanto-juvenil está diretamente relacionada às transformações socioculturais. Quanto menor for a moral, a vergonha e/ou asco, maior será a precocidade sexual de uma pessoa. Parece que justamente a moral, a vergonha e o asco são fatores desconstruídos gradativamente pelos sistemas midiáticos e de consumo das sociedades modernas” (Santos & Azeredo, 2005).

Para concluir a análise dos impactos da contemporaneidade sobre o enfraquecimento do superego, cabe retomar a questão dos tipos de caráter que caem em desuso e o tipo que se torna dominante. Conforme mencionado anteriormente, para Santos & Azeredo (2005), o tipo das exceções encontra mais espaço no mundo atual, pois ele “destaca-se por uma resistência maior em renunciar às satisfações mais imediatas. São pacientes, segundo Freud, que acham que já renunciaram a muitas coisas na vida, e por essa razão julgam-se no direito de serem poupados de quaisquer sacrifícios”.

O desejo de ser uma “exceção” à regra e ocupar uma posição privilegiada em relação aos demais, característica narcísica, traço predominante na contemporaneidade, serve de molde para a impulsividade e compulsividade atuais.

A impulsividade e a neurose compulsiva

Levando em conta as questões superegóicas, Reich (2009) descreve a diferença entre a neurose compulsiva e o que ele chama de caráter impulsivo, entendido aqui como uma organização de personalidade impulsiva. Apesar de ambos apresentarem uma ambivalência manifesta, o autor descreve que na neurose compulsiva há uma alteração para um ou outro aspecto da atitude ambivalente e a transferência ocorre para o objeto e manifesta-se na análise. Reich (2009) explica que: “A transformação reativa da ambivalência numa atitude inequívoca manifesta tal como ocorre no caso do amor ou do ódio, ocorre, claro, em conseqüência do recalque – e este, como sabemos, é imperfeito nos caracteres impulsivos.”

Pode-se entender que o recalque e a formação reativa são intensos na neurose compulsiva e que esta característica está ligada a firmeza do ideal de ego e, mesmo que



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

precariamente, consegue negar a pulsão. No caráter impulsivo, Reich (2009) explica que além do recalque imperfeito, da formação reativa e da ambivalência intensamente manifesta, o ponto marcante de diferencial é o isolamento do superego. Para o autor o caráter impulsivo se localiza de forma fronteira entre neurose e psicose, o que hoje se entende como organizações de personalidade do espectro borderline, conforme Kernberg (1991).

Ao contrário da neurose compulsiva, em que o ego se submete ao superego, no impulsivo o ego está em conflito entre o ego-prazer e o superego. As questões ambivalentes e conflituosas são anteriores ao desenvolvimento pleno da fase edipiana, o que provoca um prejuízo na assimilação de um ideal de ego, fortalecendo um narcisismo ego-prazer primitivo que como consequência leva ao isolamento do superego (Reich, 2009).

Kernberg (1991) comenta sobre essa fixação em uma fase evolutiva em que a estrutura psíquica tripartida ainda não está consolidada. O autor explica que movimentos defensivos, componentes sádicos, agressividade e idealizações são constantemente projetadas sobre o objeto, como uma oscilação entre o possuir de forma controladora e o aniquilar, levando a dificuldades de delimitação egóica, ou seja, de fronteira entre o “eu” e o “não-eu”.

Na neurose, as relações com objetos internos estão razoavelmente integradas e organizadas, para construir um senso de self estável, ou seja, diferentes aspectos da experiência de self são ativados conforme mudança da situação e dos estados emocionais. No entanto, no caráter impulsivo estas relações com os objetos internos, responsáveis pelo senso de self, estão pouco integradas e organizadas de uma maneira frágil. De acordo com Kernberg (2008) isso resulta em uma série de experiências de self contraditórias, incoerentes e instáveis, vivenciadas com dificuldade, tanto internamente quanto com outras pessoas e objetos.

Kernberg (2008) separa o universo de patologias de personalidade em dois grupos principais de transtornos baseados na gravidade da patologia estrutural: o “nível neurótico de organização de personalidade” e o “nível borderline de organização de personalidade”. Esse sistema leva em conta o prejuízo, a gravidade patológica das relações objetivas, e assim pode-se entender a compulsividade como um nível neurótico de organização e a impulsividade como um nível borderline de organização.

Esta diferenciação é fundamental, pois de certa forma quando se fala em comportamentos abusivos ou compulsividade, muitas vezes se generaliza o funcionamento desta população, o que explica a dificuldade de uma terapêutica efetiva. É preciso, de acordo com Kernberg (1991), entender o desenvolvimento egóico e superegótico, o desenvolvimento



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

do narcisismo e, em qual fase surgem os sentimentos de culpa, a construção do self e a intensidade das relações com os objetos.

A própria relação terapêutica em níveis transferenciais se torna muito diferente, bem como a técnica, sendo que em um funcionamento borderline isso pode ser muito ruim, com a possibilidade de ressaltar a desorganização egóica, sendo, portanto ameaçador para o paciente e prejudicial à relação.

Em termos da terapêutica do paciente de organização mais precária, McWilliams (2014) faz uma interessante análise do narcisismo patológico citando Kohut e Kernberg, destacando os desacordos entre os dois autores. Para Kohut, o problema estaria em distúrbios enfrentados ao longo do desenvolvimento, nas fases de idealização e des-idealização, ao passo que, Kernberg concebe o fenômeno do ponto de vista estrutural, ou seja, os desequilíbrios se manifestariam muito precocemente, “deixando a pessoa com defesas primitivas enraizadas que se diferenciam em tipo, e não em grau, da normalidade” (McWilliams, 2014, p. 210).

O dissenso entre os dois autores se refere à estrutura do self, que no primeiro caso começa a se desenvolver normalmente, mas, em algum ponto do percurso, sofre um transtorno - Kohut, e, no outro é, por definição, patológica desde o início - Kernberg. A metáfora do crescimento de uma planta pode auxiliar na compreensão das consequências e desdobramentos do ponto de vista clínico – terapêutico. Na concepção de Kohut, durante o seu desenvolvimento, a planta – pessoa careceu gravemente de água e de sol e haveria, então, necessidade de fornecer-lhe muitos desses nutrientes para que florescesse. Em termos psicoterapêuticos, a formulação de Kohut recomendaria uma firme empatia com a experiência do paciente, além da aceitação benigna de sua idealização ou desvalorização.

Por sua vez, na concepção de Kernberg, a planta / pessoa se transformou em um híbrido que deve ser podado em suas partes aberrantes, para que possa se tornar aquilo que deveria ter sido. A consequência lógica, do ponto de vista clínico, é a confrontação insistente da grandiosidade e a interpretação sistemática das defesas do paciente.

As especificidades da clínica corporal com os impulsivos/compulsivos

Para a análise bioenergética, a intervenção está pautada na conscientização corporal do paciente compulsivo, no intuito dele se reapropriar de seu corpo. Quer no âmbito da falha no desenvolvimento, no caso de um narcisismo mal constituído, como na presença de falhas



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

estruturais de um superego isolado, a verdade do corpo como realidade inescapável terá de ser endereçada.

Assim sendo, os psicoterapeutas que lidam com este tipo de paciente precisam estar preparados para trazer as experiências de aceitação e interpretação para um nível corporal. Isto não significa abandonar as intervenções verbais e analíticas, mas não se ater apenas a elas, e sim permitir que o corpo do paciente entre no espaço terapêutico com todas as suas intensidades.

Em síntese, é necessária a disposição de enfrentar o novo, também com ferramentas corporais. Os exercícios de respiração, grounding, limites e toques específicos serão sempre bem-vindos para estes pacientes.

Mesmo que pareça ousada, como abordagem, no caso específico do abuso de substâncias, as intervenções que enfatizam sensações corporais e sentimentos, serão sempre o lugar dos contatos e das transferências.

“O fenômeno transferencial tem uma realidade imediata, e isso obriga o analista a enfrentá-lo, não com sua bagagem convencional interpretativa, e sim com atitudes. O desenvolvimento emocional primitivo é inacessível à interpretação. Não é uma questão de compreendê-lo, e sim, de refazê-lo” (Winnicott apud Etchegoyen, p.133)

Se as patologias narcísicas negam o corpo, por ser o lugar da realidade dos sentimentos e sensações, é precisamente lá, no corpo, que teremos que buscar a possibilidade de refazimento das pontes com a realidade.

Conclusão

Estamos lidando com novos desafios todos os dias.

As patologias do contemporâneo nos apresentam e nos propõem sempre novas modalidades de intervenção.

Nossas ferramentas corporais também vão sendo transformadas e melhor sintonizadas com esta realidade, criando novos recursos, quando necessários. Além dos exercícios e técnicas corporais já conhecidas, a abordagem corporal que vamos produzir junto com nossos clientes impulsivos/compulsivos vai nos ajudar a acessar novas profundidades de experiências para:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

“a livre expressão das emoções em sua espontaneidade e intensidade propiciando força e assertividade diante do esclarecimento sobre as necessidades básicas deste indivíduo, não atendidas em tenra idade e solicitadas em constante e frequente sofrimento psíquico de quem sente esta falta / falha” (Klopstech apud Heinrich Clauer, 2015)

Muitos exercícios vão surgir da observação de casos particulares, como alguma postura corporal que ajude a aumentar a tolerância ao desconforto da abstinência. Serão soluções singulares e criativas, feitas sob medida para com “aquela” compulsão, “daquele” paciente em questão. Não há uma receita universal, mas um processo criativo em que paciente e terapeuta estão empenhados juntos. Segundo Baum (Baum apud Heinrich Clauer, 2015) “a psicoterapia se realiza por meio de, e no interior de um relacionamento entre pessoas. É importante que o psicoterapeuta esteja sensível e receptivo e sintonizado com suas próprias reações e para as reações que o paciente evoca”. Assim, os insights poderão ser muitos.

Como uma colega, ex-fumante compulsiva, um dia nos disse;- “sabe que você ter me proposto respirar antes de fumar foi o que me fez deixar o vício? Eu queria parar e não sabia como, mas na verdade eu fumava para respirar”.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Jorge Zahar Editor. RJ, 1999.
- CLAUER, Heinrich. **Múltiplos saberes em Psicologia Corporal – Análise Bioenergética**, Editora Libertas, v.II, 2015
- KERNBERG, O. **Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- KERNBERG, O. et al. **Psicoterapia dinâmica das patologias leves de personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Dir. D. Lagache, 10ª edição. Martins Fontes Editora, 1988.
- LOWEN, A. **O corpo em terapia**. São Paulo: Summus, 1977.
- MCWILLIAMS, N. **Diagnóstico psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- MENDONÇA, J. R. S. **A droga como um recurso ao mal-estar na civilização**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260 ago, 2011.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

REICH, W. **O caráter impulsivo: um estudo da patologia do ego**. Tradução: Maya Hantower SP: Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

SANTOS, T. C.; AZEREDO, F. A. M. **Um tipo excepcional de caráter**. *Psyche (Sao Paulo)* [online]. 2005, vol.9, n.16 [citado 2016-05-04], pp. 77-95. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200006&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1415-1138.

AUTORAS e APRESENTADORAS

Leia Maria de Mora Cardenuto / São Paulo / SP / Brasil

Psicóloga (CRP-06/1507) pela Universidade de São Paulo, atua como psicoterapeuta de adolescentes e adultos. Especialista em Análise Reichiana pelo Instituto Sedes Sapientiae, Analista Bioenergética e Local Trainer pelo International Institute of Bioenergetic Analysis. Coordenadora do SAPS, Serviço de Atendimento Psicoterapêutico Social do IABSP, Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Consumo Abusivo e Comportamentos Tóxicos: relações objetais na Contemporaneidade.

E-mail: leiacardenuto52@gmail.com

Lisete Barlach / São Paulo / SP / Brasil

Psicóloga (CRP-06/4435), Mestre e Doutora pela Universidade de São Paulo atuando como psicoterapeuta de adolescentes e adultos. Especialista em Análise Reichiana pelo Instituto Sedes Sapientiae. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Consumo Abusivo e Comportamentos Tóxicos na Contemporaneidade. Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Membro do Grupo de Estudos de Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo. Professora da Pós Graduação em Psicologia Política.

E-mail: lisete.barlach@gmail.com

Mara Luiza Vieira Ceroni / São Paulo / SP / Brasil

Psicóloga clínica (CRP-06/45328). Mestre em Neuropsicologia e Dependência Química pela Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP. Especialista em Análise Reichiana pelo Sedes Sapientiae. Formação Internacional em Análise Bioenergética pelo IABSP-IIBA Integra o Grupo de Estudos, Ensino e Pesquisa em Consumo Abusivo e Comportamentos Tóxicos: Relações Objetais na Contemporaneidade do IABSP. Pesquisa e estuda as relações entre neurociências e a psicanálise. Desenvolve atividade online de atendimento, orientação e supervisão. Tutora no programa de redução de danos em parceria com o Ministério da Justiça e a Unidade de Dependência de Drogas (UDED) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) na modalidade de curso de Educação a Distância (EAD).

E-mail: mvceroni@gmail.com

Priscilla de Castro Campos Leitner / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga clínica (CRP-08/19772). Especialista em Psicologia Corporal (Centro Reichiano). Residência em Análise Reichiana (Centro Reichiano). Formação Internacional em Análise Bioenergética pelo IABSP-IIBA. Mestre em Ciências Humanas (UTP/PR). Doutoranda em Medicina Interna (HC-UFPR). Integra o Grupo de Estudos, Ensino e Pesquisa em Consumo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARDENUTO, Leia Maria de Mora; BARLACH, Lisete; CERONI, Mara Luiz Vieira; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Impulsividade? Compulsividade? Comportamentos abusivos na contemporaneidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 186-197. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Abusivo e Comportamentos Tóxicos: Relações Objetais na Contemporaneidade do IABSP. Diretora Técnica do Instituto de Pesquisa do Comportamento Alimentar de Curitiba. Psicóloga e Pesquisadora no Ambulatório Multidisciplinar do Obeso Cirúrgico HC-UFPR. Atua clinicamente em atendimento de adultos individualmente e em grupo. Avaliação psicológica para cirurgia bariátrica. Coordena grupos com enfoque bioenergético.

E-mail: priscilla.leitner@gmail.com